

**Da anestesia a ação: Manifestações pelo vínculo com a realidade.**

Sylvia Duarte Dantas (UNIFESP)

Esperamos contribuir com as reflexões sobre as últimas manifestações ocorridas em junho de 2013 no Brasil e mais especificamente na cidade de São Paulo. Manifestações essas deflagradas pelo Movimento Passe Livre (MPL) contra o aumento de vinte centavos da tarifa do transporte na cidade. A dimensão que as manifestações tomaram na cidade de São Paulo com um número cada vez maior de pessoas, estipula-se de dez mil na primeira manifestação a posteriormente cem mil pessoas, participando das mesmas tem uma significação importante em nossa sociedade. E por que as manifestações tomam essa magnitude nesse momento?

Estávamos envoltos pela idéia de sermos um país que entrou no cenário internacional como parte dos países emergentes BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), sobreviventes da crise financeira internacional de 2008, tendo apresentado crescimento econômico e diminuição da pobreza, ampliação da dita classe média e aumento da capacidade de consumo por parte da população. Diante a crise econômica mundial vários brasileiros que haviam emigrado voltam ao país, e novos imigrantes para cá se dirigem em busca de oportunidades de trabalho. Vivíamos como que em um momento de êxtase, de alguma forma era como se a realização da promessa de país do futuro estivesse batendo as nossas portas. O tão aclamado acesso ao consumo parece a principio ser a garantia de acesso a tudo. Mas o país considerado a sétima economia do mundo, apresenta concomitantemente ainda uma enorme desigualdade social. Ao lado do dito desenvolvimento econômico o cotidiano dos cidadãos no espaço urbano torna-se cada vez mais difícil. As cidades são tomadas pelos veículos particulares, e a

verticalização desenfreada promovida pelos empreendimentos imobiliários descaracteriza e desumaniza o espaço urbano. A insegurança diante a fragilização das garantias trabalhistas com a crescente ampliação da terceirização do trabalho inclusive em setores fundamentais como saúde e educação vão afetando continuamente a vida. Aliada a contínua privatização de instituições voltadas para serviços básicos levando a fragmentação dessas mesmas instituições. Fatos da realidade que contradizem a imagem de prosperidade veiculada e desejada. Vivia-se uma dissonância cognitiva cotidiana. O discurso oficial não correspondia à realidade do dia a dia. Os problemas concretos constantemente silenciados produziam um estado de descrença na possibilidade de mudança diante a complexidade estrutural das questões sociais do país. Estávamos um tomados por estado melancólico de apatia e desalento.

As manifestações ocorrem. Jovens que tem uma clara reivindicação tomam as ruas. Jovens em sua maioria universitários que ao defenderem uma questão de extrema importância para a vida da grande maioria, ao defenderem que o aumento de vinte centavos é abusivo, rompem com a tão arraigada cisão social. Trazem à tona uma pauta que é de todos e para todos. Desconcertam os antigos ditames de uma sociedade pautada no privilégio. Conjecturamos que o que caracteriza o MPL, isto é, ser um movimento social autônomo, horizontal, independente e apartidário, permitiu que outros segmentos da população se identificassem com o propósito comum. Rompe-se assim as tradicionais barreiras de uma sociedade altamente estratificada e hierarquizada. Se esses jovens cuja imagem é construída como os jovens que gozam do privilégio da possibilidade de ascensão social ou que fazem parte de uma dita classe privilegiada tomam as ruas contra a ordem que ai está, o que todos percebem como incoerente é de fato uma percepção compartilhada, conjunta. Há um denominador comum. A desconexão entre realidade e a imagem produzida dessa mesma realidade pôde ser

explicitada. Não é uma festa é uma manifestação pelo vínculo com a realidade. Uma denúncia da imagem social construída que reproduz o discurso neoliberal (Bourdieu, 1998). Contradição essa exposta pela violência policial que sofrem nas primeiras manifestações. Violência histórica e recorrente nas regiões periféricas da cidade. É um momento de afirmação da desnaturalização da questão social.

Um momento catártico para alguns de expressão de uma angústia por estarmos tomados por um sentimento de impotência e anestesia diante a complexidade do mundo globalizado (Bauman, 1999). Diante a assimetria mundializada. A identificação coletiva cria um clima emocional de reação e, portanto de vitalidade. Chama a atenção que no país do futebol as manifestações ocorrem concomitantemente à copa das confederações. Clama-se por um outro jogo em que direitos básicos sejam de fato reconhecidos. Não à toa em manifestação em São Paulo assim como em outras partes do país durante jogos de futebol como na partida final da copa das confederações no Maracanã em final de junho do presente ano lê-se cartaz "Professor vale mais que Neymar". Dá-se voz a indignação em relação a gastos e ganhos que beneficiam apenas uma minoria cujos interesses econômicos transnacionais estão associados às políticas nacionais. Buscaremos ainda refletir sobre os possíveis significados do MPL e das manifestações na desconstrução das várias cisões sociais e psíquicas como as de classe, gênero, etnia e geração. A vitalidade está na desconstrução do que não faz sentido.